



**ANAIS**

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira  
Corá Corálina  
Universidade  
Estadual de Goiás

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

## PRINCÍPIOS DE METODOLOGIAS *DECOLONIAIS* EM LETRAS E LINGUÍSTICA

## PRINCIPLES OF *DECOLONIAL* METHODOLOGIES IN LETTERS AND LINGUISTICS

Danillo Macedo Lima Batista<sup>1</sup>

### Resumo:

Neste artigo, apresento uma intersecção teórica entre o Estruturalismo e a *Decolonialidade*. Meu objetivo é propor uma reflexão crítica de duas propostas metodológicas: uma estruturalista, com base em um texto do professor Sebastião Elias Milani, *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure* (2011), e outra *decolonial*, a partir de um texto de Julia Suárez-Krabbe (2011) e outro, produzido de forma colaborativa, de Juan Carlos Gimeno Martín e Angeles Castaño Madroñal (2016). Muitos de nós nos perguntamos: e, agora, como colocar em prática minha pesquisa? Como alcançar os objetivos nela propostos? Não tenho a pretensão de detalhar todos os métodos de pesquisa possíveis. Não haveria espaço em um único artigo. Mas, proponho uma síntese bibliográfica, o método utilizado neste artigo. São epistemologias que se dialogam e se complementam. Para cada tipo de pesquisa, um caminho. Muitas vezes, não sabemos qual caminho (método) nos conduzirá aos resultados de nossa pesquisa. Mas, quando colocamos em prática nossa busca pelos resultados, os métodos mais adequados vão tomando forma. É importante conhecê-los, mas nem sempre eles serão definidos de forma prévia, senão durante o percurso. Como resultado final dessa síntese bibliográfica: uma reflexão que pode expandir bases sólidas para novas perspectivas sobre como realizar o trabalho acadêmico. Pude dialogar com "outros mundos"; algo valioso, já que nos faz perceber que *o conhecimento nunca acaba e o mundo é sempre maior do que nós*.

**Palavras-chave:** Metodologia Científica. Estruturalismo. Historiografia-Linguística. Estudos *Decoloniais*.

### Abstract:

In this article, I present a theoretical intersection between Structuralism and *Decoloniality*. My goal is to propose a critical reflection of two methodological proposals: a structuralist one, based on a text by Professor Sebastião Elias Milani, *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure* (2011), and a *decolonial* one, based on a text by Julia Suárez-Krabbe (2011) and another, produced collaboratively, by Juan Carlos Gimeno Martín and Angeles Castaño Madroñal (2016). Many of us wonder: and now, how do I put my research into practice? How to achieve the objectives proposed in it? I do not intend to detail all possible research methods. There would be no space in a single article. But, I propose a bibliographic synthesis, the method used in this article. They are epistemologies that dialogue and complement each other. For each type of research, a path. Often, we do not know which path (method) will lead us to the results of our research. But when we put our search for results into practice, the most appropriate methods take shape. It is important to know them, but they will not always be defined previously, but during the journey. As a final result of this bibliographic synthesis: a reflection that can expand solid bases for new perspectives on how to do academic work. I was able to dialogue with "other

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Área de Concentração: Estudos Linguísticos. E-mail: [danillomacedo@hotmail.com](mailto:danillomacedo@hotmail.com).



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

worlds"; something valuable, since it makes us realize *that knowledge never ends and the world is always bigger than us*.

**Key words:** Scientific methodology. Structuralism. Historiography-Linguistics. *Decolonial* Studies.

## **Introdução**

Neste artigo, comento e comparo propostas metodológicas para a pesquisa científica, com ênfase nos estudos acadêmicos na área das Ciências Humanas, seja na determinação das condições acadêmicas do sujeito para a efetiva delimitação do objeto, seja nos mecanismos a serem utilizados durante o processo de realização da pesquisa pretendida. Meu objetivo é, portanto, elucidar posturas científicas diferentes que se esforcem por, igualmente, encontrarem, com excelência, as melhores respostas a inquietações do espírito crítico; muito embora, aberto à convicção de que as “melhores respostas” podem surgir na forma de “novas perguntas”.

Apresento propostas metodológicas que ora se contrapõem, ora dialogam entre si: uma, de origem estruturalista e, outra, de origem *decolonial*. Ambas igualmente enriquecedoras, não obstante convirjam no fato já mencionado de que se esforçam por encontrarem, no tocante à pesquisa acadêmica, os melhores recursos para a realização das tarefas almeçadas.

É importante lembrarmos, antes do desenvolvimento deste artigo, o que sugerem os termos “decolonial” e “descolonização”. De forma concisa: este refere-se a uma suposta superação do modo colonizador de imposição da vontade, de domínio dos meios e dos fins econômicos; aquele não se convence de que tal dominação fora superada, mas sim velada por mecanismos modernos.

As metodologias *decoloniais*, por sua vez, não negam a ciência, mas perseguem outras formas de entendimento (e atuação) sobre o mundo que não sejam necessariamente ocidentais ou de aspecto impositivo. Em síntese, a “Ciência” não tem que ser somente a “ciência ocidental”, a “história contada pelos portugueses”, a “geografia europeia ou americanizada” (aquela põe a Europa no “centro do mundo”, esta faz questão de se impor como sinônimo de “Norte”: você já encontrou um “norte”, você está “desnorteado”, ir para o “norte” (ou Norte) é ir para o caminho “certo” e assim por diante) etc.

É interessante observar, para citar um último exemplo, como novas tecnologias podem nos dar subsídios para novas metodologias de pesquisa e o quanto elas próprias são o resultado das novas metodologias que as criaram. O *Google-Maps*, por exemplo, pode nos levar a crer que qualquer lugar do mundo pode ser o “centro” de uma orientação (cujo termo vem da cultura oriental); e tudo irá depender, portanto, de uma “perspectiva”, de um “ponto de vista”<sup>2</sup>.

Há várias “ciências” e é preciso ser receptivo a elas, elas podem nos ensinar princípios valiosos: a “ciência espiritual do candomblé”, a “ciência arquitetônica dos antigos maias” dentre outros exemplos. Com base nesta perspectiva é que veremos adiante como são as chamadas propostas metodológicas *decoloniais* para pesquisas do âmbito acadêmico, sobretudo aquelas que estão relacionadas aos estudos na área de Letras e Linguística.

## **Metodologia Científica: princípios teóricos**

<sup>2</sup> Ver novas possibilidades de “mapas”:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/14/cultura/1429016086\\_681676.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/14/cultura/1429016086_681676.html)



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A ciência, em termos gerais, é a capacidade do Homem de transformar problemas do cotidiano em soluções práticas através de estudos variados, o que implica experimentos e o desenvolvimento da tecnologia. A ciência tem como produto final aquilo que poderá melhorar a vida das pessoas, como o desenvolvimento de vacinas para doenças complexas e a otimização do tempo e do espaço humanos. O que se critica, portanto, não é a ciência em si, mas o fato de muitos pensarem que ela é 100% estável, neutra, sem convicções meramente pessoais ou não contaminada por ideologias políticas. É preciso cautela, incluindo um olhar bem atento para que possamos desconfiar de fábulas que se escondem atrás do título de “ciência”.

Existem pelo menos três princípios teóricos que norteiam quase todo tipo de pesquisa científica: o pensamento dedutivo, o pensamento indutivo e o pensamento *abduutivo*. Deduzimos algo quando partimos do geral ao específico, trata-se da “análise” de um conhecimento já adquirido, dado no mundo. Se todos os peixes nadam, logo (deduzo), o peixe que pesquei é capaz de nadar também.

O pensamento indutivo parte do específico para o geral. Vejamos, estou realizando uma pesquisa de campo e percebo que, em uma sala de aula qualquer, do Ensino Médio, aqui no Brasil, a maioria dos alunos não sabe fazer a leitura crítica de um artigo de opinião, logo (induzo) que a maioria dos alunos, do Ensino Médio, no Brasil, é analfabeta funcional. É o que eu induziria sem precisar ter contato com sala por sala de aula ao redor do Brasil.

O pensamento *abduutivo*, por sua vez, busca um meio-termo; se aqueles partem de conhecimentos dados, já constituídos, este parte de uma situação específica ou geral e tenta produzir um “conhecimento novo”. Será que este peixe realmente nada? Como ele nadaria? Se não, o que o leva a não nadar ou a não nadar como os outros? Será que em toda sala de aula, sobretudo do Ensino Médio brasileiro, a maioria, realmente, é analfabeta funcional? Se não for, por qual razão não seria? Em que contexto dar-se-ia, pois, esta predominância do analfabetismo funcional?

A abdução não tem a pretensão de “provar”, de forma irrefutável, uma verdade. Mas, a partir da dedução e da indução, ela propõe “novas possibilidades” que podem, futuramente, serem confirmadas ou refutadas. Diante disto, fica claro que um estudo estruturalista seja mais dedutivo, com análises mais precisas. E é natural que estudos *decoloniais*, sobretudo em termos culturais, sejam mais *abduutivos*, caminha-se junto com seu objeto, “descortinando e descobrindo-se”. É justamente este paralelo que desenvolvo a seguir, pensando-se nestes princípios ora sintetizados.

### **Estruturalismo e Decolonialidade: exemplos de metodologias científicas em Letras e Linguística**

As metodologias científicas amparadas pelo Estruturalismo têm raízes muito antigas no pensamento ocidental, aparecem fundamentadas desde Platão. No campo dos estudos linguísticos ganhou bastante destaque a partir de Ferdinand de Saussure, no início do século XX (da Europa às academias brasileiras). O Estruturalismo pressupõe uma antecipação dos fenômenos determinados por conceitos formulados por meio da análise das partes seccionadas



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim

**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

das estruturas das coisas. Para tanto, pretende estabilizar tanto o sujeito *expert* quanto o objeto passivo, neutro.

Os estudos *decoloniais*, a princípio, não admitem uma separação entre sujeito e objeto, mas sugerem que sejam partes integrantes de uma busca coletiva, colaborativa, sem “superiores”. O Estruturalismo sugere um *expert* na decomposição e análise da estrutura das coisas que ele subjuga ao seu poder de experto. Muitas vezes, esta decomposição é feita com critérios mascarados por um suposto cientificismo, assim como a análise que é feita.

Nada pode ser reduzido a conceitos puros. Os conceitos são socialmente e culturalmente produzidos, se movimentam, mesmo que de forma quase imperceptível, nos dando a sensação de que são bastante estáveis e, portanto, imutáveis. As leis da Física, da Química (etc.) podem ser mais estáveis; porém, estudos antropológicos, históricos, sociológicos, linguísticos, são fundamentados em conceitos complexos que se movimentam com maior fluidez no tempo e no espaço e precisam, portanto, de mais liberdade para se desenvolverem, para apresentarem resultados.

É preciso reaprender a ser a cada instante; na medida em que as gerações se renovam, o mundo também é novo; conceitos baseados em mentalidades colonizadoras precisam ser superados. A ciência ocidental é muito valiosa, mas não pode ser a única a imperar no nosso modo de agir, de pesquisar, de aprender e de ensinar. Os conceitos exatos são mais rígidos, mais duradouros, naturalmente. Conceitos sociais podem gerar estigmas, paradigmas, preconceitos que resistem a mudanças (naturais ou não); estes conceitos adoecem e se condenam a verdades irrefutáveis, como a de que é preciso trabalhar muito para ser rico, quando, na verdade, se oculta que muita riqueza geralmente é o resultado de muito trabalho “dos outros”. Se até os conceitos mudam (incluindo os mais pueris), o modo como fazemos algo muito mais irá e deverá mudar. Por isso a parte chamada “metodologia”, de toda e qualquer pesquisa, deveria ser a parte “libertadora”. Pois o “modo” como será feito algo, amparado por velhos ou novos conceitos, variará muito mais de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de objeto para objeto de estudo do que as coisas que pesquisamos, criamos, fazemos etc., além dos conceitos (mais rígidos que os modos) nos quais nos amparamos para fazermos e entendermos tudo aquilo que produzimos.

A ciência ocidental, europeizada, afirma que o Homem “domina a Natureza”, seus elementos, suas leis etc. Muitos indígenas, e muitos outros indivíduos de culturas que não estão arraigadas ao pensamento greco-romano, não concebem o fato de que Homem e Natureza se separem ou que o Homem tem total domínio sobre a Natureza. Acredita-se, no entanto, que ambos constituem uma unidade na qual há uma interação contínua. O Homem como “parte” da Natureza, ligados em essência e sem que um domine o outro, mas um vivendo “com” e “no” outro; portanto, vivendo “o” outro e sendo ambos a mesma coisa. Esta é uma filosofia, inclusive, de aspectos panteístas, em seu caráter espiritualista, a qual pode ser evidenciada em diversas culturas ao redor do planeta. Este é um exemplo de que a concepção que se tem de “ciência” é plural e deveriam (as diversas concepções) dialogar entre si.

O Estruturalismo foi amplamente difundido no início do século XX pelo linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure que fundamentou a sistematização da Linguística. Basicamente, o Estruturalismo é uma linha de pensamento que orienta um tipo de pesquisa, assim como a epistemologia *decolonial*. Esta linha de pensamento pode partir de uma base geral (uma estrutura) para a análise de eventos mais específicos (pensamento dedutivo). Uma



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

estrutura (por exemplo, na Psicologia: a do pensamento) pode ser também estudada em um indivíduo para que se desenvolva a tese de uma estrutura geral presente em todos ou na maioria (pensamento ou método indutivo) dos indivíduos pertencentes àquela mesma classe/gênero/espécie.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi quem introduziu no mundo acadêmico a discussão, de forma significativa, sobre o pensamento/método estruturalista de se fazer ciência quando ele a propôs para o objeto “língua”; ele queria fazer do estudo da língua uma legítima ciência, para tanto, fazia-se necessário analisá-la enquanto uma “estrutura”. Para ele, a verdadeira língua era a “falada” (assim surgiram disciplinas como Fonética e Fonologia), tanto é que ele destruía seus esboços escritos ao final de suas aulas/exposições; seus alunos anotavam tudo e foram eles que criaram o Curso de Linguística Geral, nascendo, assim, sistematicamente, a “Linguística”. Outras personalidades históricas, tão conhecidas, também não “escreviam”, apesar de que liam muito e ensinavam muito: Sócrates, Jesus etc. Não que a língua não seja também “escrita”, aliás, existe um mundo escrito amplamente ligado ao nosso modo de agir e pensar; ele é, portanto, igualmente importante; foi, a propósito, depois de Saussure que disciplinas como a Linguística-Textual surgiram e se fazem imprescindíveis até hoje. O próprio sentido de texto mudou, principalmente após o advento da internet, mas isto é uma discussão para outro artigo.

Antes de apresentar um exemplo de metodologia estruturalista, a Historiografia-Linguística, é importante fazer esta síntese tanto do Estruturalismo quanto da Linguística. Além disto, farei algumas indagações com o objetivo de que se tornem reflexões sobre a natureza do texto e do modo como, em nossas pesquisas, pretendemos, com ele, trabalhar. E, deste modo, alguns conceitos linguísticos serão revisitados; sejam eles de Saussure, sejam eles de outro expoente dos estudos da linguagem, o qual veio um pouco depois de Saussure e propôs uma série de questões gerais sobre a natureza da língua e do texto, Mikhail Bakhtin (1985 – 1975).

O objeto de estudo da Linguística é tudo aquilo que foi, de algum modo, transformado em língua/linguagem, ou só pode ser acessado através dela (s). O texto é o produto de uma “enunciação”. Tema complexo: em síntese, o “enunciado” é o produto final e *irrepetível* de uma troca de conhecimentos intersubjetivos realizados por interlocutores vários submetidos a condições externas (e também psicológicas) igualmente várias: o veículo do enunciado, o quando, o onde, etc. (este “onde” também chamado por algumas disciplinas de “*locus* de enunciação”). Ver *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988), de Bakhtin.

Se estudar o texto é recuperar todo o processo de enunciação nele contido, como esta “recuperação”, de um processo inédito, *irrepetível*, seria feita? Qual a verdade contida num texto? O que é a “verdade”? Ou ele só é, sempre, a verdade de alguém ou daqueles que fizeram parte da sua enunciação?

O que foi, exatamente, enunciado? Quando? Por quem? Com quais propósitos? As repostas a essas perguntas serão dadas por outros textos? Enunciados esclarecem enunciados? Enunciados históricos esclarecem enunciados históricos? Um texto com a pretensão de veridicidade não se tornou fictício a partir do momento em que se transformou em palavras e se desprende daquilo a que se refere, daquilo que já passou, que já se desfizera no tempo e no espaço? Quais são as palavras, ou os enunciados, capazes de traduzir, fielmente, a “realidade” a outros falantes?



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A realidade da palavra não é apenas a “sua realidade”? Qual seria a realidade da palavra além das realidades que ela tenta representar? Letras, grafemas, fonemas que vão além da própria materialização e reconduzem a memória, o raciocínio e os sentimentos em direção a algo que está fora dela (da palavra). No final das contas (as palavras), não representam nada além de si mesmas, e as ideias singulares, na *psique* de cada um. Quanto à “realidade”? Ela existe fora das ideias? As ideias existem sem as palavras?

A Historiografia-Linguística, por sua vez, quando se propõe a fazer do texto escrito (objeto da Linguística) seu material histórico de pesquisa, parte da “síntese histórica”, sem preocupar-se com “sentidos múltiplos”, senão com a “estrutura do texto”, linguisticamente concebido, o “texto” (escrito) é sua fonte de pesquisa irrevogável. Mas, que realidade o texto, histórico ou ficcional, representa? Apenas a realidade daquele que narra, entendida da forma daquele que narra? Como nos indica Suárez-Krabbe (2011, p. 191 – 193): “(...) la narratividad juega un papel importante en nuestras vidas en cuanto es la forma que tenemos de obtener un sentido del control del mundo<sup>3</sup>”.

A Historiografia-Linguística, enquanto exemplo de uma metodologia estruturalista, não pretende ser fiel à realidade, ou “controlar realidades”; ela é a montagem de um quebra-cabeça que, por meio de textos, irá formar uma imagem, real em si mesma, sem pretender fidelidades a outras realidades. Cada indivíduo produzirá sua própria sensação de “realidade”. Milani (2011, p. 18) nos diz o seguinte: “(...) como o discurso registra a versão compreendida por um único indivíduo, neutraliza a possibilidade de verdade absoluta. Assim sendo, ou o texto é ficção ou é teoria”.

Milani, em dado momento de sua exposição didática sobre o método historiográfico (metodologia) a partir de Saussure e suas fontes, diz que o “método” é sempre “novo”. Ele se esforça, ainda, por defender a tese de que os conceitos podem ser rígidos (e devem sê-lo para a manutenção de uma identidade coletiva); sua rigidez repousa justamente no fato de que são, predominantemente, socialmente estabelecidos e tudo o que é social precisa ser rígido para ser acessado por todos (este é um princípio estruturalista).

Mas, ele continua, o “método” seria a cisão que liberta, ou poderia libertar, o indivíduo daquilo que é repetitivo e parece ser imposto e, portanto, não pode ser violentamente imposto como se todos os caminhos tivessem que ser iguais e não pudesse haver a possibilidade de criação de novas formas de se obter os mesmos ou melhores resultados.

A Historiografia-Linguística pode, então, ser “libertadora”, embora continue, fundamentalmente, estruturalista, rígida, na concepção do “objeto”, na determinação do “sujeito experto”. Milani, mencionando Saussure: “(...) não pode existir ciência sem objeto de estudo. (...) A sua terminologia fazia com que o estudioso conseguisse um certo distanciamento do objeto (...)” (MILANI, 2011, p. 37 e 38).

Não pode haver ciência sem um “objeto”: esta é a ciência tradicional, do pensamento antigo, da Grécia Antiga. E, para que haja um objeto, é necessário que haja um “sujeito” que seja, ao mesmo tempo, “superior” (“experto”) e “distante” (por ser superior e para que consiga “sondar”). Porém, quem é que determina o que será, ou quem será, o “sujeito” e o que será, ou quem será, a coisa que precisa da intermediação de um sujeito e, sendo assim, tornar-se um

<sup>3</sup> Tradução do autor: a narratividade desempenha um papel importante em nossas vidas, pois é a maneira que temos de ganhar um senso de controle do mundo.



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coradina  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

“objeto”? E quais são, ou deveriam ser, os “métodos” para isso? Como pode haver objeto claro se os métodos foram declarados como sempre “novos”?

São questões perturbadoras da alma científica, e estas questões podem ser “objetos” também da Antropologia ou da Filosofia. Tudo isto nos leva a refletir, e este é o objetivo deste artigo, sobre nossa própria constituição como sujeitos que criamos objetos que nos fazem estes sujeitos; o preço pago por estes objetos é permitir que sejamos seus sujeitos; está acontecendo agora, neste escrever, neste ler, para que, como sujeitos, sejamos alguém no mundo acadêmico, no mundo civilizado. É um paradoxo ou uma metalinguagem. Uma *auto reflexão*, pelo menos, para uma postura mais cautelosa, incluindo durante o processo de “criar” objetos que queremos sempre “distantes” (sejamos mais cuidadosos com os critérios utilizados nesta dinâmica), porque somos “intocáveis”, porque somos os “expertos” no assunto, porque lemos, pesquisamos, analisamos para que no fim possamos dizer o que os indígenas precisam e querem para eles, o que as mulheres precisam ser e fazer, o que os jovens precisam ler e escutar etc.

É interessante observar, a partir do momento em que consideramos as metodologias *decoloniais* (lendo, estudando, pesquisando, comparando textos etc.), as quais enfatizam tanto o “diálogo”, o “movimento”, a “construção coletiva do sujeito-objeto”, que em certo ponto, a Historiografia (estruturalista) reconhece a necessidade de se recriar os métodos de leitura, de pesquisa etc. Não há verdade irrefutável, nem mesmo nas ciências mais precisas como a Robótica; tudo pode ser refeito, (*re*) projetado, otimizado, a serviço de novas necessidades, novos modos de produção de bens de consumo, de serviço, de entretenimento etc. Em Letras e Linguística, tudo isto também se aplica.

A língua é parte integrante da vida imanente; é um rio cuja água sempre se renova; assim as linguagens, assim os métodos de ensino-aprendizagem. Tudo que virou texto só possui a realidade do texto materializado em algum suporte visual ou sonoro. A língua é toda metáfora do que ela tenta representar, porque ela nunca é o que ela representa, a não ser quando fala de si mesma. Sugere muito mais do que impõe e ajuda a construir as verdades. Portanto, toda linguagem é uma ficção do que ela figura. Todo texto já se desprende da realidade na qual foi produzido. Todo texto é recriado por aquele que o lê e, fazendo isto, recria a realidade que jamais se repetirá, cujo primeiro criador tentou desenhar. Todo texto é uma obra de arte, que se pinta, realista ou não, jamais será aquele ou daquele que o pintou, pertencerá a todos, não conseguirá precisar a reivindicação de sua autoria. Uma vez que esta ficcionalidade é reconhecida como o fado incontestável do texto, compreende-se que todo texto é uma nova criação, quando não é a própria criatura. A folha de caderno, o outdoor, etc., são apenas “suportes”; o texto é um processo mental, não um produto estático; ele revive quando se o lê, é aí que se acende, se revigora e, quando jazido nas páginas mórbidas de um livro, sem ser lido, é uma vela que se apagou e já não existe, é uma forma represada de magma latente que um dia poderá ser ressuscitado por um espírito letrado. De modo que aquilo que chamamos de “metodologia” (seja para estudar o texto ou fazer do texto o resultado final de uma pesquisa) tem uma dinâmica própria e só será transformado em texto depois de um trabalho já pronto; jamais antes, em forma de “receita”. A metodologia faz parte do processo de criação, ela não está acabada antes de começarmos a criar, ela vai sendo percebida melhor no processo de criação de uma pesquisa que nos propusemos a fazer. Vejamos uma citação neste sentido, ainda de Milani (2011, p. 29 e 30):



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A individualidade historiográfica linguística faz com que o ser humano tenha um ponto de vista único sobre a natureza, as coisas, as instituições etc., que resulta num método irrepetível de fazer as coisas. Esse método apresenta, com os conceitos a que se liga, a mesma relação que o discurso tem com a língua e que a criatividade tem com o conhecimento. (...) Logo, enquanto os conceitos são sempre continuidade para a sociedade e opressão para o indivíduo, o método é sempre a forma de ruptura e seu mecanismo de libertação (...).

A Historiografia-Linguística, pois, se aproxima da quebra de paradigmas proposta pelos estudos *decoloniais* (embora com ela não se relacionem diretamente) quando se propõe a discutir os métodos científicos de forma mais criativa. No entanto, é predominantemente estruturalista, sobretudo quando tenta prever em tudo uma estrutura rígida e seccionar, de um lado, o sujeito “perito”, do outro, o objeto incapaz de se resolver ou se esclarecer para o mundo sem a iluminação de um sujeito. O Estruturalismo tem seus valores indiscutíveis, nos permite análises objetivas e esclarecedoras inclusive sobre a língua, sobre seu funcionamento, o que tem implicações práticas, como no ensino e aprendizado de línguas estrangeiras por meio da repetição e apropriação de sintagmas estruturados. A questão é: todo objeto pode ser seccionado e ter-se-á partes claramente definidas e estáveis?

As metodologias *decoloniais*, por sua vez, são metodologias “anti-estruturalistas”, “anti-humanistas” no seguinte sentido: a contrapelo do cientificismo do período conhecido como Humanismo, sem ser, necessariamente, “contra a condição humana”. Sabemos que o Humanismo foi o período ocidental que coisificou o indivíduo em detrimento dos interesses coletivos em nome da Ciência, do progresso, da “evolução” da sociedade que preconizava industrializar tudo, urbanizar tudo etc.

As metodologias *decoloniais* propõem uma desconstrução da epistemologia ocidental que acredita que em tudo há uma estrutura rígida que pode ser segmentada em partes decomponíveis e analisáveis, que se enquadrem em padrões pré-determinados. Mas, nem tudo pode ser tão deduzível, pertencer a “rótulos” precisos. A mente humana não pode ser segmentada com perfeição, nem as paixões, nem os mitos etc., não com a exatidão que quer propor um positivismo que seja meramente reducionista. É contra esta lógica predominantemente ocidental, cartesiana, europeia, imperialista, que as propostas *decoloniais* se posicionam e nos propõem “desaprender” para “aprender”.

Não pretendo questionar os méritos da ciência legada por toda monstruosa enciclopédia importada e herdada do núcleo europeu e de outros impérios culturais (que nos influencia, que consumimos e que nos é bastante válida), mas também não podemos reduzir tudo a critérios imutáveis, que é o que parece querer propor isto a que sempre denominamos “ciência”. Não andamos quando queremos fazer igual, andamos quando deixamos nossa mente pensar, descobrir.

Freud, quando desenvolveu o tema de interpretação de sonhos, já esboçava algo neste sentido, embora ele não tenha nenhuma relação direta com os estudos *decoloniais*. Mas, para citar mais um exemplo deste tipo de dinâmica, tão cara aos estudos *decoloniais*, cada pessoa, com seus sonhos, deverá ser inquirida, estudada, submetida a um tratamento específico; pois conhecer o universo arquetípico desta pessoa é que permitirá ao estudioso da alma humana



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
COMUNIDADE DE PESQUISADORES  
DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira  
Corá Corálina

 **Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

associar os elementos simbólicos presentes em seus sonhos com aqueles que são detectáveis em seu universo abstrato e no mundo contingente.

Vejam as seguintes citações: “(...) é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”: QUIJANO (2005, p. 270); WALSH, (2009, p. 35): “Para Fanon, a descolonização é uma forma de (des) aprendizagem: desaprender tudo que foi imposto e assumido pela colonização e desumanização para reaprender a ser homens e mulheres”.

Quando falo de descolonização, não falo de um único autor ou época. Os estudos decoloniais são de história vasta, de autores vários que a discutem: Walter Mignolo, Anibal Quijano, Catherine Walsh, Marcio D’Oliveira Campos, dentre outros, incluindo aqueles que tratam da chamada “ferida colonial” ainda que indiretamente (incontáveis: na Literatura e na Academia). Não tenho a pretensão de falar de todos e de toda a rica origem deste pensamento ainda embrionário, mas divisor.

Os estudos metodológicos *decoloniais* não seguem uma “escola” predefinida. Parte-se da supracitada “ferida colonial”, da disposição em mudar os paradigmas de viés *imposicionista*. Estes estudos têm um princípio de metodologia que pensa na quebra de modelos pré-fabricados para ir-se organizando, a definir o que se deve e como se deve fazer algo, na caminhada, em direção àquilo que se almeja (parece trivial). É muito mais um posicionamento crítico do que uma epistemologia sistematizada com algum tipo de ortodoxia bem dedutível.

Quando a pesquisa é resultado de estudos culturais, durante seu processo, é preciso lidar com culturas diferentes; os métodos fazem-se na “caminhada”. Um método rigidamente fixado *a priori* pode nos dar um “norte” idealizado, mas a execução da tarefa pode nos levar para o “sul”, o que decepcionaria a muitos ortodoxos. A crítica, portanto, não está na busca, mas na predeterminação de caminhos que não precisam ser “únicos” e o destino sequer precisa ser o “previsto”. A busca sempre existirá (e deve existir!), segundo a minha interpretação das críticas mencionadas sobre as metodologias consideradas impostas, mas tanto o caminho de que se ocupa o que busca algo pode mudar quanto aquilo que ele buscava.

La metodología que he defendido aquí es una metodología de la proximidad y el objetivo de mi trabajo no es producir una monografía, es contribuir a la descolonización del conocimiento. (...) he enfatizado que no es posible emplear un método de investigación determinado a priori<sup>4</sup>. (SUÁREZ-KRABBE, 2011, p. 201).

O Estruturalismo supõe um “distanciamento” do eleito como “sujeito” daquilo que foi definido como “objeto”, mas quando se diz, por exemplo, “metodologia de aproximação”, (e aqui apresento um exemplo de uma metodologia que pode ser considerada amparada pelos estudos de natureza *decolonial*), proposta por Krabbe (2011), a autora sugere que: para que se alcance as respostas pretendidas, para que se analise o objeto “provisoriamente” definido, sobretudo no que diz respeito aos “estudos sociais”, estudos das “Ciências Humanas”, deve-se levar em conta que o método não tem que ser “exato” uma vez que, em termos de relações

<sup>4</sup> Tradução do autor: a metodologia que tenho defendido é uma metodologia de proximidade e o objetivo do meu trabalho não é produzir uma monografia, é contribuir para a descolonização do conhecimento. (...) Tenho enfatizado que não é possível usar um método de pesquisa determinado *a priori*.



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira Cora Corralina

**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

sociais, o objeto não é necessariamente “universal”, mas, como propõe Quijano (2005) “pluriversal”. A priori, os “estudos exatos” é que podem propor metodologias (mais) “exatas”. Diante da impossibilidade de “exatidão” de um “modo” de agir em função de objetivos dados (mais do que sobre “objetos” fixados), propõe-se agir “com” (e não “sobre”) o objeto de estudo, fazendo-se ambos sujeitos e criando juntos os modos e os resultados, é isto que se denominaria “metodologia de aproximação”.

Propõe-se, portanto, aos estudos das chamadas Ciências Humanas, pesquisas embasadas nas propostas de uma *decolonialidade* epistêmica, aquela que se pauta por “aprender a aprender”, esvaziar-se para se preencher. A *metodologia de aproximação* é um exemplo; considera-se os saberes e conhecimentos locais, mediados na interação com outras culturas: na experiência, no contato, no trabalho de campo, na primeira pessoa do plural e não na terceira pessoa, mais “distante”, sem, por isso, deixar de ter fundamentos teóricos, de leituras ou de *experienciações*. Logo, um estudo que seja *abduativo*. É preciso uma busca por novos protagonismos, sem deter-se em padrões pré-estabelecidos que cerceiem esse processo de “descoberta”.

Como se diz de Saussure (MILANI, 2011, p. 55): “(...) o universo científico de Saussure estava composto por uma evidente necessidade de ser prático e de responder às dificuldades da sociedade”. Nisso, Saussure já aspirava à tendência do século XX em se libertar, ainda que em partes, de protocolos meramente formais, para se projetar a *problemas reais*.

É preciso, portanto, indisciplinar as metodologias. O que não significa “falta de comprometimento com o estudo proposto”. Não há respostas prontas, caminhos prontos, resultados prontos; mas, há um comprometimento com o “objeto” de estudo de modo a se programar para “descobertas” muito mais que para respostas já prontas, dadas, acabadas e repassadas, que sirvam a interesses hegemônicos definidos, de ordem política, econômica, religiosa etc. Pode haver perguntas certas, insistamos nelas; muito mais do que respostas que julgaríamos as respostas intocáveis.

Trata-se de um desnudar-se para se vestir: indisciplinar-se para compreender que não existe uma única “disciplina”. Como nos apresenta Bourdieu (1975) em suas teses sociológicas, embora, mais uma vez, sem relação “direta” com os estudos *decoloniais*, que tento parafrasear aqui do seguinte modo: há disciplinas que se posicionam apenas para a manutenção do poder àqueles que as assimilam mais rapidamente; quando isso acontece, e sempre acontece, não há nenhuma preocupação com a difusão do saber ou de saberes a partir de (e para) necessidades reais (individuais ou coletivas) de um grupo que se tenta subjugar. Neste sentido, HABER, 2011, p. 11, nos complementa com o seguinte: “Recibimos premios y castigos según nos acercamos o alejamos de la verdadera fe, pero aún más importante es que vamos comenzando a ser sus agentes institucionalmente sancionados<sup>5</sup>”.

Sem querer fazer o que eu chamaria de “ligar o botão de autodestruição”, negando a efetividade da cultura tradicional que nos formou e ainda nos (*re*) forma, para enfatizar mais uma vez a proposta de “manter-se conectado ao processo ininterrupto de evolução ou mudança epistemológica”, proponho mais uma citação: (MARTÍN; MADROÑAL, 2016, p. 266): “(...)

<sup>5</sup> Tradução do autor: Recebemos recompensas e punições à medida que nos aproximamos ou nos afastamos da verdadeira fé, porém ainda mais importante, estamos começando a ser seus agentes institucionalmente legitimados.



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira  
Corá Corálina

**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Por que não usar os conceitos latino-americanos, africanos e asiáticos do mundo, de sociedade, de grupos sociais, de processos sociais (...)? ”.

Não podemos, portanto, nos encerrar em uma redoma do “conhecimento absoluto”, visto que o conhecimento se constrói; não se doa ou se vende, nem se pode dele se apropriar à força tanto quanto não se pode impô-lo (a “pedagogia da violência”, da “repressão”); na perspectiva aqui argumentada ao longo de todo este artigo, o conhecimento se “faz junto”, é produto de um conjunto de pessoas que passaram de indivíduos (naturalmente concebidos das entranhas da Terra) para sujeitos (socialmente forjados, formados, preparados para o mundo material); conhecimento constituído no fulcro do diálogo, no campo tenso da discussão, do conflito, do debate, da discordância, assim como da empatia, da tolerância, do compartilhamento de impressões objetivas e subjetivas, para o bem comum, mas também para o bem do sujeito-social, ao mundo fora de si mas que é parte do ser, (*idem, ibidem*, p. 275): “As contradições são inerentes a qualquer processo de investigação comprometida (...) contexto de debate (conversa, diríamos) que facilitaria a unidade de ação”. Concluo dizendo que o mundo das aparências pode sempre mudar e de fato muda a todo instante, de modo que aquilo que está latente é muito mais poderoso e perene. Há muito mais perguntas que respostas, há muito mais a se ouvir das coisas silentes do que das precipitações ruidosas.

#### **4. Considerações finais**

Toda esta discussão pode também ser encontrada no supracitado Martín e Madroñal, no texto “Antropologia Comprometida”, cuja citação seguinte, além das que já foram feitas, é apenas um dos inumeráveis exemplos que nos provocam a pensar nossa condição de “peritos”: o perito o é para quê, para quem e o é “sempre”? Ele está sempre pronto, nunca há nele a necessidade de renovar (se)? MARTÍN; MADROÑAL, 2016, p. 264 – 265:

“(...) defendemos que as culturas não constituem algo predefinido mas, sim, algo que se ‘faz’ ao agirmos como humanos (...) de acordo com a ação específica das nossas próprias culturas” “(...) série de transformações: (...) passagem do observador objetivo para o observador participante (...) criação de espaços para o diálogo (...) intercâmbios culturais (...)”

Não quero fazer destas reflexões, por fim, elucubrações teóricas que apenas serviriam a interesses de uma “ciência pela ciência”, pelo contrário, eu tive a oportunidade de me desconstruir como acadêmico e como professor e sou meu primeiro resultado desta reflexão. O norte não precisa ser o Norte, mas posso projetar o foco das minhas fontes de conhecimento, cultura, saberes morais, éticos, etc., a outros horizontes, novas perspectivas de produzir conhecimento. Às vezes, sem mesmo perceber, um horizonte que não está tão distante, embora esteja além do écran da televisão que fabrica tantos factoides ou além daquilo que está estampado em uma nota de cem dólares; esse horizonte, de algum modo, pode estar bem perto de nós, na “oralidade” (por exemplo), a que Saussure tanto defendeu como a “verdadeira língua”, uma vez que a língua escrita tem, sim, seus louros, mas não veio primeiro. Sócrates falava muito, não escrevia, seus discípulos escreveram. Jesus rabiscava frases na areia, no mais, somente verbalizava oralmente o que pensava e o que sentia, lia muito, mas falava mais do que



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

escrevia, seus discípulos escreveram. A escrita não é a fonte inesgotável do conhecimento infável; quero com todo este último exemplo dizer, mais uma vez, que a escrita é só “um tipo de conhecimento”, como existem tantos outros e que ainda podem ser criados, inventados. Assim são os métodos, podem e devem sempre, mais do que qualquer outro tipo de conhecimento mais institucionalizado, serem criados, sobretudo no processo de busca de um novo conhecimento.

Até aqui, teçi uma “discussão” em níveis embrionários. A metodologia científica é amplamente questionada no âmbito acadêmico, assim como dela fazemos uso indispensável para o desenvolvimento de nossas pesquisas, trabalhos escritos ou demonstrações de resultados práticos. Metodologia esta que tanto inquieta a alma de estudantes acadêmicos que fazem perguntas como: o que eu vou estudar? Para que mesmo? Como vou alcançar quais resultados?

Termino dizendo que os estudos *decoloniais* propõem, em termos de metodologia científica, métodos construídos no “diálogo”. Foi possível perceber, no meio de toda esta reflexão, tal como ela foi proposta, que a Historiografia-Linguística, pensando (inevitavelmente) em Saussure e nos estudos do Círculo de Bakhtin como ponto de partida deste tipo de pesquisa, é essencialmente estruturalista, mesmo pensando na diversidade do caráter de uma língua, e tenta delimitar um objeto “exato” e “distante” do “sujeito” que o delimitou, mesmo que em alguns “pontos de ruptura” (propondo metodologias que se renovem) aproxime-se também dos estudos *decoloniais*, uma outra linha de pesquisa que sugere metodologias de proximidade, não de distanciamento, como o faz o Estruturalismo.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

HABER, Alejandro. Nometodología Payanesa: Notas de metodología indisciplinada. **Revista Chilena de Antropología**, Santiago, N° 23, 1er Semestre, 2011, p. 09-49, 2011.

MARTÍN, Juan Carlos Gimeno; MADROÑAL, Angeles Castaño. **Antropologia comprometida, antropologia de orientação pública e descolonialidade: desafios etnográficos e descolonização das metodologias**. OPSIS, Catalão-GO, v. 16, nº 2, p. 262-279, jul./dez. 2016.

MIGNOLO, W. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.8: 243-281, enero-junio 2008.

MIGNOLO, W. **El problema del siglo XXI es el de la línea epistémica**. 816-841.

MILANI, Sebastião Elias. **Historiografia – Linguística de Saussure**. Kelps, 2011.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**O ensaio como forma.** Disponível em:

<<https://grupocriticaedialetica.files.wordpress.com/2015/07/adorno-o-ensaio-como-forma.pdf>>  
> Acesso em: 10 jul. 2018.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SUÁREZ-KRABBE, Julia. En la realidad. Hacia metodologías de investigación descoloniales. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.14: 183-204, enero-junio 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: *in-surgir, resurgir e re-viver*. In. CADAU, Vera Maria (org.) **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p.12-42.